

Retrospectiva de Cinco Décadas em Série de Reportagens - A Construção da Memória na Celebração do Jornal Hoje¹

Claudia de Albuquerque THOMÉ²

Doutora

Luciana MORAIS³

Mestranda

Ana Carolina Campos de OLIVEIRA⁴

Mestranda

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

Resumo: Criado originalmente para ser uma revista eletrônica, o Jornal Hoje, veiculado pela Rede Globo na hora do almoço, completou 50 anos em 2021 como um telejornal de cobertura dos fatos do Brasil e do mundo. Em comemoração a esse marco, o JH produziu uma série de três reportagens a partir do que selecionou de cobertura sobre as cinco décadas, contando sua história e construindo memória. A proposta do trabalho é analisar, a partir da metodologia de Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011), o que o JH apresentou como fatos memoráveis, evidenciando o telejornalismo como “duplo lugar de memória” e o papel dos jornalistas como “senhores da memória” (BARBOSA, 2004). Nessa cerimônia midiática de rememoração (MUSSE; THOMÉ, 2015), predominaram as coberturas de tragédias, acidentes e crimes.

Palavras-chave: História das Mídias Audiovisuais; Telejornalismo; Memória; Jornal Hoje

Introdução

Telejornalismo e memória não só andam juntos como se constituem quase paralelamente e simultaneamente. Ao definir aquilo que é notícia e merece o destaque de ser levado ao público de maneira ampla, como fato jornalístico, o jornalista está documentando a história e produzindo memória. Este processo, porém, não se limita apenas à cobertura dos fatos. A memória também é utilizada de forma estratégica pelo telejornalismo em diferentes situações. Seja de maneira a contextualizar algum assunto,

¹ Trabalho apresentado no GT História das Mídias Audiovisuais integrante do XIII Encontro Nacional de História da Mídia

² Professora da Facom/UFJF e do PPGCOM/UFJF. Pós-doutoranda do PPGCOM/UFRJ. Líder do Grupo Narrativas Midiáticas e Dialogias. E-mail: cthomereis@gmail.com

³ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Integrante do Grupo Narrativas Midiáticas e Dialogias. E-mail: luciana.morais@estudante.ufjf.br

⁴ Mestranda e bolsista (Propp/UFJF) do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Integrante do Grupo Narrativas Midiáticas e Dialogias. E-mail: campos.anacarolina@estudante.ufjf.br

como estratégia de celebração, na tentativa pela busca de sentimentos de nostalgia, dentre outras possibilidades, este é um recurso amplamente explorado. Pode-se dizer, então, que os jornalistas podem ser considerados “senhores da memória”, como apontado por Marialva Barbosa (2004).

A história do jornalismo, portanto, também pode ser contada a partir das memórias que ele mesmo produz, como evidenciado em edições de cunho celebrativo. Em abril de 2021, o Jornal Hoje, telejornal da hora do almoço da TV Globo, completou 50 anos desde sua primeira exibição em 1971. Em comemoração, o telejornal exibiu uma série de três reportagens especiais contando sua história através de depoimentos de jornalistas que passaram pela bancada do JH e, principalmente, pelas coberturas de destaque realizadas ao longo desses anos. A partir da memória dos entrevistados e de uma seleção histórica, fatos foram lembrados contando a história do JH, ao mesmo tempo que reconstituíram os últimos 50 anos também para o telespectador, evidenciando a característica da imprensa como “lugar de memória”, como apontado por Musse e Thomé (2016).

Neste contexto, o presente trabalho tem por objetivo entender como o Jornal Hoje trabalhou a sua própria história a partir da rememoração dos fatos cobertos pelo telejornal desde a década de 1970. A partir da metodologia de análise de conteúdo proposta por Bardin (2011), procurou-se investigar o que o telejornal decide pautar como relevante de ser lembrado nesses 50 anos, de que forma se constitui essa narrativa de resgate à memória e como lembrar estes fatos também significa contar a história do telejornalismo dentro do JH.

O imediatismo na hora do almoço

Em 21 de abril de 1971, a TV Globo colocava no ar, pela primeira vez, o Jornal Hoje, com a apresentação de Léo Batista e Luís Jatobá. Inicialmente, o telejornal era exibido somente para o Rio de Janeiro, com meia hora de duração. Três anos depois, passou a ser transmitido para todo o país, com a participação de repórteres das praças de Belo Horizonte, São Paulo, Brasília e Recife.

Segundo o site Memória Globo, os primeiros anos do “Hoje” tinham mulheres como público-alvo. Quando passou a ser exibido aos sábados, em 1974, o telejornal ganhou uma coluna de horóscopo, com a astróloga Zora Yonara. Outro quadro voltado

para as mulheres foi o de culinária, que recebia e veiculava matérias das emissoras afiliadas, abrindo espaço para o conteúdo de outras regiões do país.

Além do quadro de horóscopo, o JH veiculava também notícias de comportamento. O formato do programa parecia mais com o de uma revista eletrônica, com uma variedade de assuntos culturais, matérias sobre arte, espetáculos e entrevistas. Um dos exemplos foi a estreia da edição de sábado do “Hoje”, como é chamado na redação, em 1974, marcada pelas entrevistas com personalidades do mundo cultural e pelo quadro, em 1975, de crônicas de Rubem Braga, que falava sobre o cotidiano do brasileiro.

Nas entrevistas feitas pela jornalista Leda Nagle, exibidas aos sábados, importantes nomes da literatura e da música brasileira compartilharam suas histórias, como Carlos Drummond de Andrade, Jorge Amado, Zélia Gattai, Tom Jobim e Dorival Caymmi. O jornalista Pedro Bial também conduziu o quadro de entrevistas.

Ao longo desses 50 anos, cerca de 15 aberturas marcaram a memória do telespectador. Presente no início das tardes dos brasileiros, fazendo companhia na hora do almoço, o jornal, a partir de 1981, deu espaço para as *hard news* e também para os temas de comportamento, arte, moda, cidadania e defesa do consumidor.

Nesse meio século de JH, 24 apresentadores passaram pela bancada dando “Boa tarde!”. Dez homens fizeram parte da equipe: Luiz Jatobá e Léo Batista, Sérgio Chapelin, Marcos Hummel, Berto Filho, Augusto Xavier, William Bonner, Carlos Nascimento, Evaristo Costa e Dony De Nuccio. As mulheres lideraram as apresentações por catorze vezes. Entre elas Márcia Mendes, Leda Nagle, Ligia Maria, Sônia Maria, Márcia Peltier, Valéria Monteiro, Cláudia Cruz, Cristina Ranzolin, Leila Cordeiro, Fátima Bernardes, Mônica Waldvogel, Sandra Annenberg, Carla Vilhena e Maju Coutinho.

De lá pra cá, o “Hoje” passou por várias mudanças, seja nas aberturas, cenários, apresentadores e também no conteúdo. Com a pandemia da Covid-19, por exemplo, observou-se um maior foco nas matérias sobre saúde. Desde março de 2020, quando foi anunciada a pandemia, a equipe do Jornal Hoje passou a produzir 85 minutos de notícias. Anteriormente, as edições do telejornal eram de aproximadamente 50 minutos.

Muitos acontecimentos fizeram parte da cobertura do JH e receberam prêmios. Um desses trabalhos foi consagrado com o Prêmio Vladimir Herzog. A série de reportagens “Extermínio de Menores” ganhou na categoria de melhor reportagem para a TV com o jornalista Carlos Dornelles em 1995. Em 2019, a série “70 Anos da Declaração Universal

dos Direitos Humanos — conquistas e fracassos” foi premiada na categoria Produção Jornalística em Vídeo, também pelo Prêmio Vladimir Herzog.

Telejornalismo e Memória

A partir de critérios de noticiabilidade e de interesses do próprio veículo, os telejornais escolhem os fatos e os recortes do cotidiano que vão ser lidos, apurados, interpretados, organizados e levados, em texto, áudio e imagem, até o público. Ao produzir estes recortes e veiculá-los, o jornalismo promove “uma seletiva reconstituição do presente” e, por consequência, “uma seletiva reconstrução histórica desse presente” (BARBOSA, 1995, p.86), passando a também documentá-lo.

Ao selecionar o fato, transpondo-o do lugar da normalidade para o da anormalidade, transformando-o em acontecimento, e ao escolher a forma da narrativa, o jornalista está constituindo o próprio acontecimento e criando uma memória da atualidade. Uma memória que obedece a critérios subjetivos e engendra a questão do poder. Assim, ao selecionar o que deve ser notícia e o que vai ser esquecido, ao valorizar elementos em detrimento de outros, a mídia reconstrói o presente de maneira seletiva, construindo hoje a história desse presente e fixando para o futuro o que deve ser lembrando e o que precisa ser esquecido. (BARBOSA, 2004, p.4)

Nas retrospectivas produzidas pelos telejornais, há mais uma camada de recorte e seleção, com critérios para definir, entre todas as notícias que estão no acervo da emissora, quais vão compor o mosaico de fatos que marcaram cada década. Para além de apenas registrar essa memória, o ato de resgatá-la também é utilizado como um recurso estratégico em diversas ocasiões. Seja relembando um passado recente para contextualização, para alguma comemoração celebrativa ou como estratégia com apelo sentimental e nostálgico, a televisão pauta não somente o que deve ser assunto naquele momento, mas também aquilo que deve ser lembrado, nas “cerimônias midiáticas de comemoração” (MUSSE; THOMÉ, 2015).

Como apontado por Musse e Thomé, a partir do que é colocado por Pierre Nora sobre “lugares de memória” (1984), “a imprensa deve ser considerada um ‘lugar de memória’, porque nos dá a dimensão daquilo que devemos lembrar e o que deve ser esquecido” (MUSSE; THOMÉ, 2016, p.67). No caso do telejornalismo, o resgate de matérias antigas ou a utilização de imagens de arquivo é um recurso bastante explorado, seja como contextualização (VIZEU, 2010), para autorreferencialidade (PICCININ;

SOSTER, 2012) ou como comemoração. Segundo Marialva Barbosa, as emissões televisuais “aparecem como uma narrativa que evoca o passado para intensificar o presente (emissões comemorativas) ou eternizar o passado” (BARBOSA, 2016, p.16). Assim, os telejornais usam a memória não apenas para falar do passado, mas também do presente e, até mesmo, vislumbrando o futuro.

Presentificando o passado, a retórica jornalística da comemoração estabelece em relação ao acontecimento, difundido como informação e como espetáculo, a materialização de uma dada memória através da montagem de uma verdadeira indústria da comemoração. Para isso mistura-se o presente e o passado, razão pela qual tornam-se os meios de comunicação verdadeiros guardiões das comemorações contemporâneas e construtores de uma dada materialização da memória. (BARBOSA, 2004, p.11)

Ao trazer à tona memórias construídas a partir de seleções, como forma de comemoração, o telejornalismo se propõe a construir narrativas sobre o que vivemos e também a apontar o que deve ser lembrado e o que fica esquecido nas telas, reafirmando-se como lugar de referência (VIZEU; SIQUEIRA, 2010).

No estudo sobre televisão e memória, torna-se importante ainda trazer considerações de Ribeiro e Sacramento (2020), quando frisam que as mídias são “sujeitos históricos que, no contínuo processo de produção de sentidos, estão imbricados a disputas políticas, conflitos de poder e subversões cotidianas” (2020, p. 25). Tais disputas, conflitos e subversões definem e atravessam as pautas cotidianas e também a construção da memória nas retrospectivas de nossas vidas nas telas.

50 anos do JH

Em 2021, o Jornal Hoje completou 50 anos no ar pela TV Globo. Em comemoração, o telejornal exibiu, entre os dias 19 e 21 de abril, uma série com três reportagens especiais⁵ que contam a história do JH a partir de uma seleção sobre as principais coberturas realizadas pelo telejornal e depoimentos de alguns dos jornalistas que estiveram na bancada apresentando o Jornal Hoje, como Léo Batista, Fátima Bernardes, Willian

⁵“JH 50 anos: veja os fatos marcantes dos primeiros 30 anos do telejornal”, reportagem exibida em 19/04/2021, disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9448172/?s=0s>; “Veja os fatos que marcaram o Jornal Hoje nos anos 2000”, reportagem exibida em 20/04/2021, disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9451203/?s=0s>; “JH 50 anos: veja os principais acontecimentos da década de 2010”, reportagem exibida em 21/04/2021, disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9454405/?s=0s>.

Bonner, Ana Paula Araújo, Sandra Annenberg e Maju Coutinho. A primeira reportagem da série traz os primeiros 30 anos do JH, seguido pelos fatos mais marcantes da década de 2000 e, por fim, os dos últimos anos, desde 2010.

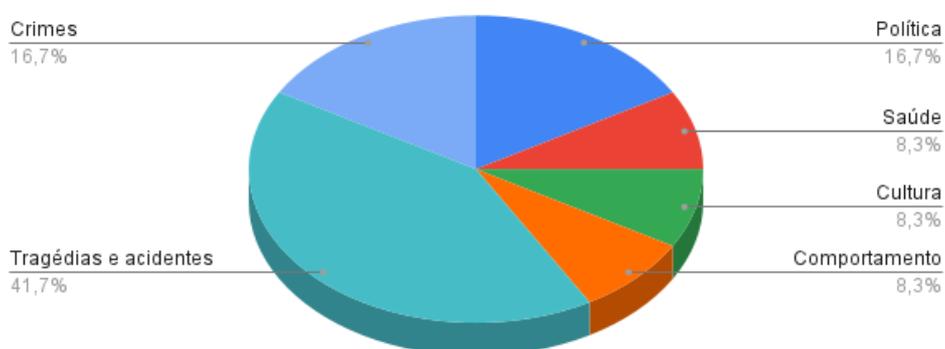
A partir da metodologia de Análise de Conteúdo, proposta por Bardin (2011), o presente trabalho tem por objetivo analisar essa série de reportagens a fim de investigar quais campos temáticos definem os fatos memoráveis desse especial. Afinal, a série conta não só a história do telejornal, mas também pauta, nessa estratégia de resgate à memória, quais foram os fatos mais importantes dos últimos 50 anos e, logo, aqueles que merecem ser lembrados pelo público.

De acordo com a metodologia e a investigação do trabalho, para analisar a série de reportagens foram criadas as seguintes categorias: a) Política, que diz respeito à cobertura de acontecimentos de cunho político nacional ou internacional; b) Tragédia e acidentes, com referência a fatos relacionados a mortes e desastres naturais; c) Comportamento, com foco na cobertura de eventos; d) Religião, na qual estão inseridas as matérias cujas principais temáticas são religiosas; e) Saúde, com a cobertura de marcos para a saúde e ciência; f) Crimes, como julgamentos e tragédias premeditadas; e g) Cultura, com assuntos relacionados à arte e lazer. Ao todo, foram resgatadas 43 coberturas do JH nas últimas cinco décadas. Os resultados podem ser observados nos gráficos a seguir.

Figura 1: Gráfico da reportagem exibida em 19 de abril de 2021, por categorias

JH 50 Anos | Os Primeiros 30 anos do JH

As coberturas lembradas por categoria



Fonte: gráfico elaborado pelas autoras

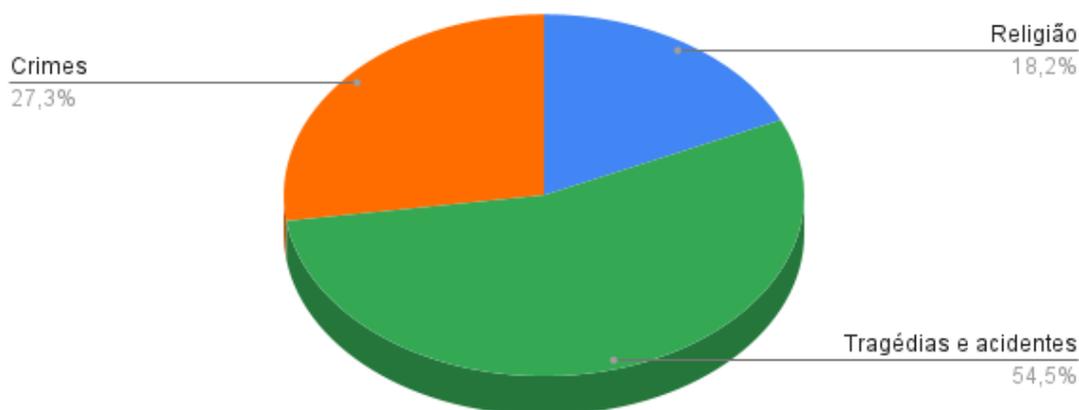
Na primeira reportagem, exibida no dia 19 de abril de 2021, foram lembradas as seguintes coberturas realizadas pelo JH entre 1971 e 2000: queda do elevador Paulo de Frontin, incêndio do Edifício Joelma, morte de John Lennon, incêndio na Vila Socó, morte de Ayrton Senna, queda do Fokker 100 da TAM (categorizados em “tragédias e acidentes”); massacre de Eldorado, bomba/atentado do Riocentro, julgamento Doca Street (categorizados em “crimes”); casamento entre Charles e Diana (categorizado como “comportamento”); primeiro Rock in Rio (categorizado como “cultura”); doença de Tancredo Neves, RIO-92 (categorizados como “política”); e primeiro bebê de proveta (categorizado como “saúde”).

Em relação ao tempo de produção, o primeiro VT exibido que compreendeu os primeiros 30 anos de jornalismo, com total de 10 minutos, foram estendidos 45 segundos de cabeça, ou seja, a fala de abertura da apresentadora, 46 segundos de vinheta, isto é, abertura da série de reportagem, 5 minutos e 59 segundos dedicados a retrospectiva dos fatos lembrados.

Figura 2: Gráfico da reportagem exibida em 20 de abril de 2021, por categorias

JH 50 Anos | Anos 2000

As coberturas lembradas por categoria



Fonte: gráfico elaborado pelas autoras

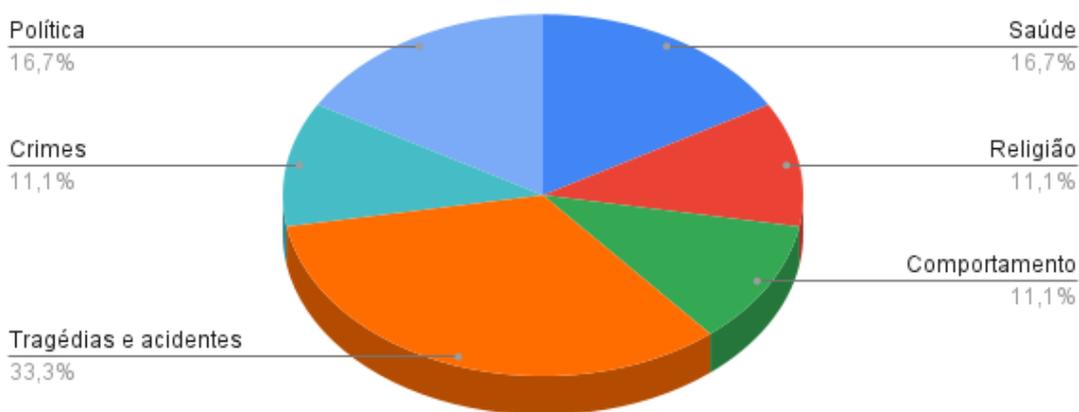
A segunda reportagem foi ao ar no dia 20 de abril de 2021, com foco nos grandes acontecimentos da década de 2000. Para este período, foram lembradas as coberturas: morte de João Paulo II, eleição de Bento XVI (categorizados como “religião”); assalto ao Banco Central, atentado às Torres Gêmeas, ataques de facções criminosas em São Paulo (categorizados como “crimes”); furacão Katrina, acidente do voo 107, queda do avião da Air France, morte de Michael Jackson e terremoto no Haiti (categorizados como “tragédias e acidentes”).

O tempo dessa reportagem foi de 9 minutos, divididos em 33 segundos para abertura, 27 segundos para vinheta, 5 minutos e 50 segundos de matérias de arquivo, totalizando 6 minutos e 50 segundos aos anos 2000. Ainda neste VT foram produzidos 2 minutos e 10 segundos de depoimentos de apresentadores que passaram pela bancada do jornal. Este material foi dispensado um minuto a menos em relação aos dois VTs da série que tiveram 10 minutos.

Figura 3: Gráfico da reportagem exibida em 21 de abril de 2021, por categorias

JH 50 Anos | Anos 2010

As coberturas lembradas por categoria



Fonte: gráfico elaborado pelas autoras

Na última reportagem da série, exibida no dia do aniversário de 50 anos do Jornal Hoje, foram lembradas as coberturas da década de 2010. Os fatos destacados foram: casamento entre William e Kate, casamento entre Harry e Meghan (categorizados como “comportamento”); renúncia de Bento XVI, eleição do Papa Francisco (categorizados como “religião”); atentado Charlie Hebdo, massacre de Realengo (categorizados como “crimes”); condução coercitiva de Lula, impeachment de Dilma Rousseff, protestos antirracista (categorizados como “política”); desastres na região Serrana do Rio, tsunami no Japão, morte de Eduardo Campos, acidente com avião da Chapecoense, Brumadinho, incêndio em Notre Dame (categorizados como “tragédias e acidentes”); pandemia do Coronavírus e vacina (categorizados como “saúde”).

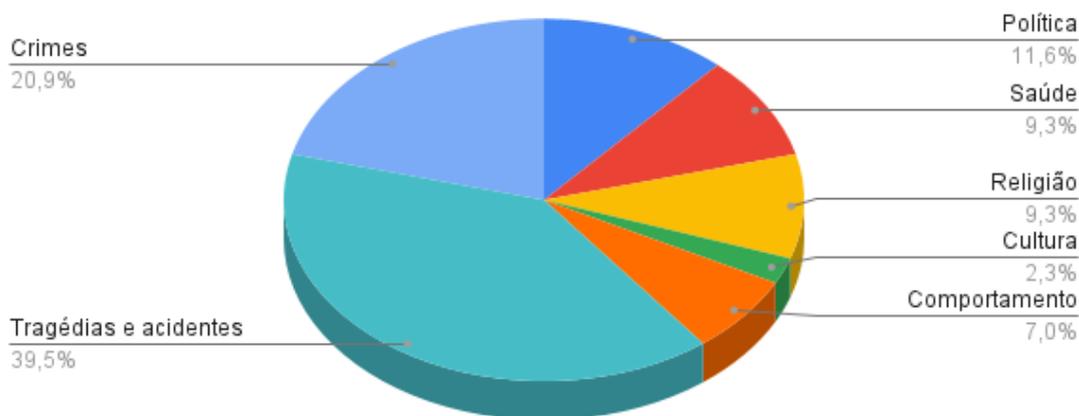
Para a década de 2010, a chamada de abertura teve 33 segundos de duração, 38 segundos de vinheta de abertura, 7 minutos e 57 segundos. Toda a produção da série contabilizou 29 minutos, contando ainda com depoimentos de apresentadores que estiveram na bancada do JH.

A retrospectiva dos fatos que viraram notícia nessas cinco décadas no Jornal Hoje exibiu 43 acontecimentos, sendo que 53% (23 fatos) relacionados com o Brasil e 46% (20 fatos) com o noticiário internacional. Assuntos sobre o eixo Rio-São Paulo foram mais noticiados no jornal, com 15 matérias (65%) dedicadas às capitais carioca e paulista. Acontecimentos de outros estados somam oito aparições no JH, com destaque para a tragédia de Brumadinho (MG) e o acidente com o avião da Chapecoense (SC).

Figura 4: Gráfico de Categorização Geral

JH 50 Anos

Geral por Categorias



Fonte: gráfico elaborado pelas autoras

Entre os assuntos mais abordados, as tragédias tiveram predominância, com aproximadamente 40% de exibições, sendo 11 relacionadas com fatalidades, acidentes e catástrofes ambientais no Brasil e as outras seis, com acontecimentos nos EUA, Japão, França, Itália e Haiti. Dentro da categoria tragédia, os acidentes com aviões foram mais dominantes entre os assuntos. No total foram seis acidentes aéreos. A segunda categoria que mais apareceu com assuntos na comemoração dos 50 anos do Jornal Hoje foi a de crimes, com aproximadamente 21% das reportagens, nove ao todo. Desse total, três foram para lembrar a morte do cantor John Lennon, o atentado às torres gêmeas nos EUA e o massacre do Charlie Hebdo em Paris. No Brasil, os crimes lembrados foram a bomba do Riocentro, o julgamento de Doca Street, o massacre de Realengo, o assalto ao Banco Central em Fortaleza e os ataques das organizações criminosas em São Paulo.

Os fatos relacionados à política que foram lembrados estavam ligados aos ex-presidentes Lula e Dilma Rousseff e os protestos antirracistas no mundo, correspondendo a quase 12% de notícias. As categorias saúde e religião tiveram aproximadamente 9% de representatividade nos noticiários. Todos os fatos religiosos retomavam as escolhas dos representantes da Igreja Católica. Na saúde, lembraram o nascimento do primeiro bebê de proveta, o anúncio da pandemia do Coronavírus pela ONU, a primeira pessoa vacinada

no mundo e no Brasil. Já em relação a comportamento, os três assuntos selecionados lembravam os casamentos reais do coroa inglesa, o que representa 7%; e na parte de cultura, foi resgatada apenas uma matéria, que lembrou o primeiro Rock in Rio no Brasil.

Pode-se dizer que o Jornal Hoje apresenta como forte marca a cobertura factual, tanto nacional quanto internacional. Apesar do jornal ter dado destaque de uma forma geral para o noticiário nacional e internacional, não foram citados, na rememoração dos 50 anos, assuntos relacionados à segurança, à economia e ao esporte, dando prioridades para catástrofes, calamidades e desastres.

Observa-se, ainda, uma série de palavras que reforçam essa ideia de presente e atualidade, da cobertura do instante, tais como os termos utilizados na vinheta de abertura da série de reportagem: “fazendo”; “acontecendo”; “neste momento”; “esta manhã”; “acaba de confirmar”; “hoje cedo”; “cobertura completa”; “situação agora”; “ao vivo”; “primeiras informações”; “direto”; “momento histórico”; “há pouco” e “primeiras informações”. Dessa forma, pode-se dizer que, em sua celebração de cinco décadas no ar, o JH selecionou fatos, construiu memória e veiculou também uma narrativa de si próprio, se apresentando como um importante meio de informação, que traz a cobertura dos fatos que repercutem até o início da tarde. Mas nessa seleção, o telejornal - que teve sua origem com proposta de revista eletrônica e linguagem mais leve - trouxe um perfil de noticiário quente, com cobertura intensa de tragédias e acidentes.

Considerações Finais

Ao longo dos 50 anos, o Jornal Hoje se constitui como uma importante fonte de informação nacional e internacional. Podemos observar a partir da análise da série de reportagens que lembraram as 5 décadas de telejornalismo no JH, que os fatos do Brasil e no mundo obtiveram uma porcentagem de exibições semelhantes. Além disso, é possível perceber na série que o JH escolheu frisar sua característica de imediatismo, como um jornal que privilegia o que acontece no momento, as notícias quentes, possibilitando ao telespectador acompanhar a cobertura dos fatos praticamente em tempo real.

Apesar de ter surgido com características de uma revista eletrônica, com conteúdos mais leves, o JH se reconfigurou ao longo dos anos, assumindo uma postura mais *hard*

news e, mesmo assim, deu espaço às pautas de comportamento como, por exemplo, ficou evidenciado na recordação na série da cobertura dos três casamentos reais da coroa britânica: em 1981, a união do príncipe Charles e Lady Diana, em 2011 o casamento do príncipe William e Kate e o mais recente, em 2018 do príncipe Harry com Meghan Markle. Além das notícias lembradas, a série comemorativa trouxe também depoimentos de profissionais que passaram pela bancada do Jornal Hoje.

Ao rememorar 50 anos de acontecimentos e fatos em 29 minutos, o telejornal seleciona o que se quer trazer como memória jornalística dos fatos passados, em um recorte que privilegiou assuntos com teor trágicos, tendo a morte como critério de memória nessa seleção. O JH construiu um mosaico que nos faz refletir sobre as fragilidades da vida cotidiana, possibilitando ao telespectador reviver momentos que mexeram com o público, colocando-o novamente em uma condição solidária com as famílias das vítimas de tantos acidentes e crimes que nos afetaram de alguma forma.

Percebe-se, então, uma estratégia de apelo ao sentimentalismo do espectador ao selecionar coberturas que geraram grande comoção nacional, como a morte de grandes ídolos (como Ayrton Senna e Michael Jackson), tragédias comoventes (como o atentado às Torres Gêmeas e os desastres aéreos) e acontecimentos que mexem com o sentimentalismo e as crenças do público (como os casamentos reais e pautas relacionadas à religião católica), sem trazer para a celebração pautas poderiam gerar algum tipo de polêmica ou desgaste para a emissora.

Ao fazer este exercício, o Jornal Hoje evidencia a característica da mídia audiovisual como construtora de memória, ao passo que constrói a narrativa de celebração dos 50 anos do telejornal dizendo que contar a história do JH é falar sobre a própria história do mundo contada por ele, restabelecendo a relação entre o jornalismo constituindo memória enquanto a própria memória também o constitui.

Referências

BARBOSA, Marialva. Jornalistas, “senhores da memória”? IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, **XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** Porto Alegre, 2004. <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/5281189434155472217413491799349447635.pdf>>

BARBOSA, Marialva. Senhores da Memória. **Intercom, Revista Brasileira de Comunicação**, São Paulo, v. XVII, nº 2, pp.84 - 101, jul./dez., 1995.

BARBOSA, Marialva. Meios de comunicação: lugar de memória ou na história? **Contracampo**, Niterói, v. 35, n. 01, pp. 07-26, abr./jul., 2016.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto; Augusto Pinheiro. Lisboa Edições 70, 2011.

MUSSE, Christina Ferraz; THOMÉ, Cláudia de Albuquerque. Repórteres de telejornal: o perfil ditado pela Rede Globo em 50 anos de televisão. **SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo**. 13º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Campo Grande – UFMS – Novembro de 2015.

MUSSE, Christina Ferraz; THOMÉ, Cláudia de Albuquerque. **Telejornalismo e Poder. Memórias (re) construídas pelo “Jornal Nacional”**. In: PORCELLO; EMERIM; FINGER (Orgs.). **Telejornalismo e Poder**: Florianópolis (SC): Insular, 2016.

PICCININ, Fabiana; SOSTER, Demétrio de Azeredo. Da Anatomia do Telejornal Midiatizado: Metamorfoses e Narrativas Múltiplas. **Brazilian Journalism Research** - vol. 8, nº2, pp. 118-134, 2012.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor. **Televisão e memória: entre testemunhos e confissões**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2020

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. Porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, Volume I, 3ª. ed. rev., 2012.

VIZEU, Alfredo; SIQUEIRA, Fabiana Cardoso. O Telejornalismo: o lugar de referência e a evolução das fontes. In: VIZEU; PORCELLO; COUTINHO. **60 Anos de Telejornalismo no Brasil: História, Análise e Crítica**. Florianópolis: Insular, 2010.

Referências Eletrônicas

Memória Globo, site Memória Globo: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-hoje/>, acesso em junho de 2021.